



# HUMANIDADES, CULTURA E ARTE

GIOVANNA ADRIANA TAVARES GOMES  
(ORGANIZADORA)

Atena  
Editora  
Ano 2019



# HUMANIDADES, CULTURA E ARTE

GIOVANNA ADRIANA TAVARES GOMES  
(ORGANIZADORA)

Atena  
Editora

Ano 2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Geraldo Alves  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
H918	Humanidades, cultura e arte [recurso eletrônico] / Organizadora Giovanna Adriana Tavares Gomes. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-753-6 DOI 10.22533/at.ed.536191111  1. Artes. 2. Cultura. 3. Humanidades. I. Gomes, Giovanna Adriana Tavares.  CDD 909
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Trata-se da coletânea de artigos com temáticas diversas envolvendo pesquisas de extrema importância para as humanidades, cultura e arte. Destaque para os seguintes conteúdos como: Educação, violência, ensino, música, dança, cinema, resistência, performances, espetáculos, teatro, poesia, imagens, desenhos, arte contemporânea entre outros títulos. Sem dúvida uma obra “plural” com textos de escritas primorosas e muita criticidade. A proposta do E-book vai ao encontro de reflexões fundamentais para o “tempo” que estamos vivendo. O discurso social se faz presente na percepção dos valores atribuídos nos textos, quando influenciados pela afetividade e experiências de seus autores. Ressalta os espaços louvados, e determina uma característica tipofilica da relação dos indivíduos com o meio. A sociedade contemporânea é marcada pela pluralidade e pela diversidade, que se funde em produções culturais híbridas. A partir desse entendimento, é preciso então considerar que todos os aspectos do indivíduo em sua relação com o ambiente, com a sociedade e consigo mesmo, serão mediados por elementos simbólicos, sejam no âmbito da reflexão ou da ação, do pensamento e do sistema de crenças ou do comportamento e das atitudes ou da cultura. Nesse sentido, pensar a apropriação que uma dada sociedade faz de um determinado ambiente é pensar, além dos elementos concretos dessa apropriação, pensar, sobretudo, os elementos simbólicos e subjetivos que justificaram, ou que motivaram aquela apropriação, em sua forma e função.

Giovanna Adriana Tavares Gomes

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
“A VIDA PELA FLOR” COMO FORMA DE ESTUDO NA CLARINETA: ASPECTOS TÉCNICOS E COMPARATIVOS AO MÉTODO KLOSÉ	
Daniel Souza de Araujo Johnson Joanesburg Anchieta Machado	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5361911111</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>10</b>
A ARTE DA XILOGRAVURA PORTUGUESA NO SÉCULO XVI: REFLEXOS NO <i>AUTO DE INÊS PEREIRA</i> (1523), DE GIL VICENTE (C. 1465-1537)	
Denise Rocha	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5361911112</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>23</b>
A MONTAGEM DE “A HISTÓRIA DO SOLDADO”, DE IGOR STRAVINSKY, EM GOIÂNIA/GO: A RELAÇÃO ENTRE MÚSICA, ENCENAÇÃO E MITO NA CONSTRUÇÃO DO ESPETÁCULO	
Saulo Germano Sales Dallago	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5361911113</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>33</b>
A PROFISSIONALIZAÇÃO DO EDUCADOR NO ENSINO DE MÚSICA	
Eliane Hilario da Silva Martinoff	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5361911114</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>45</b>
AGRESSIVIDADE E VIOLÊNCIA COMO FORMA DE COMUNICAÇÃO: A COREOGRAFIA SOCIAL DO FEMININO ENTRE NÓS	
Beatriz Torres Lorangeira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5361911115</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>55</b>
AS IMAGENS DA HISTÉRIA PELA ÓTICA DE GEORGES DIDI-HUBERMAN E A SOBREVIVÊNCIA DA IMAGEM GROTESCA NO TEATRO	
Melize Deblandina Zanoni	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5361911116</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>67</b>
CORAL CÊNICO DO CAMPUS DO MUCURI	
Danilo Pereira Bispo Sharon Doty da Cruz Soares Maria Clara Costa Ramos Marcela Costa Souza Veiga Wandouglas Gonçalves Batista André Luiz Nascimento Dias Vanessa Juliana da Silva Valéria Cristina da Costa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5361911117</b>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>76</b>
DESENHO DEPOIS DO DESENHO: REFLEXÕES SOBRE O LUGAR DO DESENHO NA ARTE CONTEMPORÂNEA E SEU ENSINO	
Italo Bruno Alves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5361911118</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>83</b>
DIÁRIOS: ESCRITAS DE SI COMO REFERÊNCIA DE IDENTIDADE	
Adriana de Oliveira Távira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5361911119</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>94</b>
DO ENSINAR E DO APRENDER TEATRO NA SALA DE AULA: CRIANDO E IMPROVISANDO NO COLÉGIO ESTADUAL ODORICO TAVARES	
Ana Lucia Ribeiro da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5361911110</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>118</b>
FOTOGRAFIA EM CAMPO EXPANDIDO - A PALAVRA COMO PARTE DA MATERIALIDADE DA OBRA	
Mari Gemma De La Cruz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5361911111</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>129</b>
MOTIVAÇÃO: UM RETRATO DO PERFIL DOS ALUNOS DO BALÉ POPULAR DO TOCANTINS	
Giorgya Lima Justy de Freitas	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5361911112</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>135</b>
MUDANÇAS NA RELAÇÃO ENTRE RAZÕES MATEMÁTICAS E INTERVALOS MUSICAIS: ASPECTOS HISTÓRICO/CULTURAIS	
Oscar João Abdounur	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5361911113</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>147</b>
NO HORIZONTE DA PALAVRA: A POÉTICA DE VIRGÍLIO DE LEMOS	
Camila de Toledo Piza Costa Machado	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5361911114</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>153</b>
O ENSINO DA MÚSICA NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE BELÉM COMO ELEMENTO QUE EMERGE DA CULTURA	
Raquel dos Anjos Veiga	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5361911115</b>	

<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>165</b>
O ESPAÇO CULTURAL GOIANDIRA DO COUTO NA PERSPECTIVA DE USO COMO EMPREENHIMENTO TURÍSTICO PARTICULAR	
Washington Fernando de Souza Giovanna Adriana Tavares Gomes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.53619111116</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>178</b>
O PALCO E SEUS PROBLEMAS: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA PARA DIMINUIR A ANSIEDADE PRÉ-PERFORMANCE E AUXILIAR NO ESTUDO DE UMA OBRA MUSICAL	
Daniel Souza de Araujo Francisco Vanderlei Alves dos Santos Ana Clara Vieira Amaral Brenno Menezes Faleiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.53619111117</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>190</b>
OS ESPETÁCULOS LÍRICOS E A CONSTRUÇÃO DO GOSTO MUSICAL DAS ELITES DE SÃO LUÍS DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX	
João Costa Gouveia Neto Alexandre Guida Navarro Cesar Augusto Castro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.53619111118</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>199</b>
PARA ALÉM DO SAMBA DA LEGITIMIDADE: SAMBISTAS FORA DO COMPASSO DO “ESTADO NOVO”	
Adalberto Paranhos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.53619111119</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>214</b>
QUESTÕES RELATIVAS À PRESERVAÇÃO DOS MÉTODOS CONSTRUTIVOS UTILIZADOS PELO ARTISTA ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO	
Vanessa Magalhães Pinto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.53619111120</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>223</b>
RECURSOS TÉCNICOS E EXPRESSIVOS DA <i>ÉCOLE DE GARCÍA</i> NA PERFORMANCE VOCAL MODERNA	
Luiz Henrique Ramos Ribeiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.53619111121</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>236</b>
REVISITANDO OS LUGARES DA MEMÓRIA, DA HISTÓRIA, DO ESQUECIMENTO: RICOUER, UM CLÁSSICO DA HISTORIOGRAFIA CONTEMPORÂNEA	
Izaias Euzébio Amâncio	
<b>DOI 10.22533/at.ed.53619111122</b>	



<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>244</b>
TRANSBORDAMENTO DO CORPO SEGUNDO O FILME HANAMI – CEREJEIRAS EM FLOR	
Andréia Hiromi Toma	
<b>DOI 10.22533/at.ed.53619111123</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>256</b>
UM ESTUDO DA COMUNICAÇÃO NA <i>PERFORMANCE</i> MUSICAL, AS INTERAÇÕES ENTRE OS PARTICIPANTES	
Cláudia de Araújo Marques	
Vitor Barbosa Finco	
Thamyres Alves do Nascimento Finco	
<b>DOI 10.22533/at.ed.53619111124</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>267</b>
VINTE E CINCO PEÇAS DE JOSÉ URSICINO DA SILVA (MAESTRO DUDA) TRANSCRITAS E ADAPTADAS PARA TROMBONE SOLO E PIANO	
Daniel Victor Silva de Freitas Lima	
<b>DOI 10.22533/at.ed.53619111125</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>279</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>280</b>

## OS ESPETÁCULOS LÍRICOS E A CONSTRUÇÃO DO GOSTO MUSICAL DAS ELITES DE SÃO LUÍS DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

### João Costa Gouveia Neto

Curso de Música - Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, São Luís, MA

Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGED-UFPA, Belém, PA

### Alexandre Guida Navarro

Coordenador do Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal do Maranhão - LARQ/UFMA, São Luís, MA

Programa de Pós-Graduação em História Social - PPGIS/UFMA, São Luís, MA

### Cesar Augusto Castro

Departamento de Biblioteconomia - Universidade Federal do Maranhão - UFMA, São Luís, MA

Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGED-UFPA, Belém, PA

**RESUMO:** Um dos requisitos para que uma cidade ostentasse o título de civilizada e moderna no século XIX era possuir um teatro. São Luís, capital da província do Maranhão, ganha o seu teatro em 1817. A partir de então, a maioria dos eventos culturais e cívicos realizados na província aconteciam no palco do Teatro São Luís. Nesse teatro as elites compareciam para verem e serem vistos pelos seus pares e pelos diferentes e também para aperfeiçoar seu gosto musical. Mas o gosto não era adquirido e depurado somente nas noites de espetáculo lírico, pois como

os jornais eram o principal veículo utilizado para a leitura e difusão dos romances e do conhecimento científico produzido contribuía para o refinamento das elites. Este estudo tem como objetivo analisar a importância que os espetáculos líricos realizados no teatro São Luís exerceram na consolidação e aprimoramento do refinamento da sociedade ludovicense, em especial de seus estratos mais elevados, visto que, naquele século XIX as elites queriam ser iguais à Paris. Para realizar o referido estudo analisamos as notícias veiculadas em mais de vinte jornais de diferentes tendências jornalísticas, e que apresentavam em suas páginas notícias relacionadas ao movimento cultural de São Luís. Assim, percebemos que as idas ao Teatro São Luís para assistir aos espetáculos líricos à moda europeia serviam para diferenciar os homens e as mulheres que ao teatro compareciam, e a apresentação de um repertório essencialmente lírico fizera com que as elites ao menos parecessem cultas, modernas, refinadas e letradas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Espetáculos líricos. Teatro. São Luís. Século XIX.

THE LYRIC SPECTACLES AND THE  
CONSTRUCTION OF THE MUSICAL TASTE  
OF THE ELITES OF SAO LUIS OF THE  
SECOND MIDDLE OF THE NINETEENTH  
CENTURY

**ABSTRACT:** One of the requirements for a city boasts the title of civilized and modern in the nineteenth century was to have a theater. São Luís, the capital of Maranhão province, earns its large theater in 1817. Since then, the majority of cultural and civic events held in the province took place on the stage at the Theater São Luís. In this theater the elites make an appearance with the purpose to see and be seen by their peers and the different ones and also to refine his musical taste. But the taste was not acquired and cleared only on the nights of lyrical show, because as newspapers were the main vehicle used for reading and dissemination of novels and scientific knowledge produced, they contributed to the refinement of the elite. This study aims to analyze the lyrical performances performed at the São Luís Theater exercised in the consolidation and improvement of refining ludovicense society, especially its higher strata, as the nineteenth century elites wanted to be equal to Paris. To perform this study, we analyzed the news published over twenty newspapers of different journalistic trends, and had in their pages, related news about the cultural movement of São Luís. So, we realized that the frequency to São Luís Theater to watch the lyrics show based on the European fashion, served to differentiate the men and women who attended the theater, and the presentation of an essentially lyrical repertoire had made the elites at least seem educated, modern, refined and literate ones.

**KEYWORDS:** Lyric shows. Theater. São Luís. Century XIX.

## 1 | INTRODUÇÃO

São Luís, capital da província do Maranhão, nos idos da segunda metade do século XIX, estava imersa nas idéias de modernidade e civilidade que atravessavam o Atlântico nas bagagens e nas mentes dos jovens que iam estudar na Europa. Envolvidos como estavam nessas idéias de inovação, as elites queriam a todo custo construir nas províncias pequenos nichos de sociabilidades à moda europeia.

Voltando às suas cidades de origem, esses filhos das elites entravam em choque com a realidade completamente diferente da vivenciada em terras do velho mundo. A partir de então, passam a buscar alternativas para mudar essa situação pelo menos nos espaços onde teciam suas sociabilidades e desenvolviam seus negócios, pois “homens e mulheres modernos precisam aprender a aspirar à mudança: não apenas estar aptos a mudanças em sua vida pessoal e social, mas ir efetivamente em busca das mudanças, procurá-las de maneira ativa, levando-as adiante” (BERMAN, 1997, p.94).

As elites ludovicenses queriam inserir-se nesse ideário e para isso tentaram a todo custo retaliar as ações dos pobres da cidade com a criação dos códigos de posturas municipais e maquiar as práticas dos mais abastados da cidade que ainda estavam muito longe do almejado modelo francês de civilidade e modernidade. No entanto, os redatores dos jornais que eram, geralmente, os intelectuais que estavam repensando a sociedade a partir do modelo europeu, sendo, desse modo parte da sociedade letrada de São Luís naquela segunda metade do século XIX, reclamavam

da grande disparidade entre São Luís e Paris. Ávidos como estavam para mudar os hábitos da sociedade a qual pertenciam, esses estudiosos e intelectuais não conseguiam assimilar essas disparidades que eram e são normais quando se trata de homens e mulheres vivendo em sociedades diversas. Isso fica evidente na nota publicada no jornal A Flecha, em edição de 16 de dezembro de 1879:

Para calcularmos qual a distancia que separa o Maranhão de Paris, tomemos por base o som. Como muita gente não ignora, o som percorre 340 metros pouco mais ou menos por segundo no ar, na temperatura de 16 graós e sob a pressão de 76 centímetros. É fácil, pois saber a distancia em questão, se considerarmos que os Sinos de Corneville foram toados há mais de tres annos em Paris e só agora os ouvimos no Maranhão (p. 207).

Assim, através das vivências musicais, mais especificamente as que estavam relacionadas aos espetáculos líricos que eram realizados no Teatro da cidade de São Luís discutiremos, através das notícias veiculadas nos jornais, como os maranhenses tentavam se enquadrar nos ditames do gosto elegante europeu.

## 2 | DESENVOLVIMENTO

Um dos indicadores dessa civilidade almejada era a cidade ter um teatro, pois diferenciava do restante da sociedade os que o frequentassem e era símbolo de refinamento. Possuir um teatro era um dos requisitos que uma cidade deveria apresentar para ser considerada moderna, como escreve Berman (1997, p. 146), “os bulevares representam apenas uma parte do amplo sistema de planejamento urbano, que incluía mercados centrais, pontes, esgotos, fornecimento de água, a Ópera e outros monumentos culturais, uma ampla rede de parques”.

Essa “necessidade”, baseada numa mentalidade à moda europeia, que as cidades deveriam ter seu teatro, fora apresentada pelo governo português, ainda no século XVIII, momento em que o Marquês de Pombal, então primeiro ministro de D. José I, manda editar alvará “aconselhando” seus súditos a terem um estabelecimento desse tipo, como diz Marques (1970, p.595):

Por alvará de 17 de julho de 1771 aconselhou o governo da metrópole “o estabelecimento dos teatros públicos bem regulados, pois que deles resultava a todas as nações grande esplendor e utilidade, visto serem a escola, onde os povos aprendem as máximas sãs da política, da moral, do amor da pátria, do valor, do zelo e da fidelidade, com que devem ser aos soberanos”.

Tendo por base essa determinação da Coroa Portuguesa o teatro da capital da província do Maranhão, São Luís, começou a ser construído em 1815 por iniciativa do português Eleutério Lopes da Silva Varela, associado a Estevão Gonçalves Braga, e inaugurado, como nos diz Marques (1970, p.596):

Em 1817, já muito adiantado em suas obras, foi este edifício aberto com o nome de

União, recordando assim a união do Brasil com Portugal formando o Reino Unido. Foi no dia 1 de junho o primeiro espetáculo, representado por uma Companhia que Varela foi contratar em Lisboa, obtendo nessa ocasião do governo da metrópole o Aviso e 3 de setembro de 1817 concedendo a favor do teatro algumas loterias anuais [...].

É evidente que o Teatro inaugurado em São Luís em 1817 não tem a grandiosidade de alguns dos teatros construídos posteriormente, mesmo sendo rico em ornamentos em sua parte interna. De iniciativa particular os recursos financeiros não foram suficientes para maiores luxos e também o embate travado com a igreja, representada naquele momento pela Ordem Carmelita, após árdua batalha na justiça o árbitro da questão o padre João Antônio Teixeira Tezinho, condenou Varela e Braga a edificarem o teatro com a frente para a Rua do Sol.

Durante as pesquisas nos jornais, do referido período, as notícias relacionadas ao Teatro São Luís são constantes, pois no interior desse edifício eram realizados não só os espetáculos teatrais e musicais, como também a grande maioria das solenidades cívicas da província. Trabalhamos com a ideia de que o Teatro São Luís fora crucial para a efetivação do gosto teatral e musical e, principalmente, considerado sinônimo de refinamento, civilidade e modernidade que teoricamente a sociedade ludovicense apresentaria, pois como escreve Daou (2000, p.54):

O ritual de ir ao teatro oferecia à elite uma oportunidade de reconhecer a si mesma e aos comportamentos condizentes com as alterações por que a cidade e a sociedade passavam. Os frequentadores do teatro ao conferirem os gestos e trajés de cada um, nutriam a fantasia de civilização, de comunhão dos benefícios desta modernidade.

Os maranhenses tinham essa consciência da importância do teatro, no entanto, muitas vezes foram impedidos de frequentá-lo sob a ameaça de grande número de pessoas virem a óbito durante uma récita, devido ao estado precário do prédio. Apesar disso, o redator do jornal expõe sua preocupação se o teatro fosse fechado, pois ficariam sem diversão, como noticiou o Publicador Maranhense, na sua edição de 31 de agosto de 1850:

#### PUBLICAÇÕES A PEDIDO

[...]Não nos iludamos, o teatro ameaça desabar n'um momento, visto que por vezes ali tem acontecido; e só quem for míope é que não verá claramente a inclinação dos camarotes que é tão sensível que só a grande falta de divertimentos nesta cidade fazia com que o publico comparecesse ali – e arriscasse tão inconsideravelmente a sua existência.

E pois repetimos os nossos louvores a quem mandou fechar o teatro, porque d'est'arte, nos livrou de tão eminente risco. Resta agora que se cure de reparar convenientemente esse edifício para que possam continuar os espectáculos; o que nunca poderá ser se não daqui a 3 ou 4 anos !!... Mas daqui até lá em que nos divertiremos? ... Dicant Paduani.

Apesar do fechamento do Teatro, a diversão continuou a acontecer nos teatros

particulares mesmo sem as condições estruturais desejadas pelas elites. Após as reformas no prédio do dito Teatro, a música voltou a soar no São Luís através das companhias líricas que aportavam no Maranhão, como escreve Jansen (1974, p. 47- 48) “Depois das obras terminadas, a casa foi ocupada pela companhia dramática portuguesa de Antonio Luis Miró que era autor de óperas, óperas-cômicas, comedias [...], fora ensaiador de canto no Teatro São Carlos de Lisboa do qual era o primeiro pianista”.

Após a reabertura do Teatro em 1852, o mesmo passa a pertencer à província do Maranhão e é rebatizado de Teatro São Luís, como anuncia o jornal O Progresso, do dia 20 de março de 1852, sobre o espetáculo de reinauguração do teatro:

Chegou finalmente o dia 14 de março, tão ansiosamente suspirado pelos amadores das Belas-Artes, que em torno do edifício do teatro estacavam, sempre que passavam pela Rua do Sol, maldizendo do íntimo da alma a lentidão da obra, a demora da chegada dos artistas mandados contratar em Portugal, e por fim, a tardança do tempo em trazer-nos o dia 14 [...]. Chegou finalmente esse tão desejado dia! E o nosso teatro, mais pomposo e mais belo depois de crismado com o nome de São Luiz, abriu de par em par as suas portas, no meio do geral aplauso de uma população sôfrega de o ver ressurgir do pó a que o tinham desumanamente atirado. O concurso foi o mais numeroso e o mais lúcido que se tem visto; os camarotes, as platéias, as varandas e as torrinhãs estavam apinhadas; a satisfação era geral. [...].

Os jornais publicavam quase semanalmente, quando havia alguma companhia lírica na cidade, anúncios dos espetáculos que estavam previstos, como veiculou o jornal O Globo de 1853, na edição que circulou em 21 de maio, o seguinte anúncio de récita:

Teatro Nacional de S. Luiz

15<sup>a</sup> Recita da Assignatura

Domingo 22 de maio de 1853

Depois da execução de uma agradável simphonia, pela Orchestra, subirá a scena a muito interessante e jocoza Comedia em 3 actos, ornado de canto (Opera Comica) composição do bem conhecido litterato, o Sr. Luiz Carlos Martins Penna, author do Juiz de Paz da Roça, Dilettante, Inglez, Inglez Maquinista etc.etc. que tem por titulo: O NOVIÇO.

Muzica arranjada e instrumentada pelo Sr. Sergio Augusto Marinho.

O nome só do author da presente COMEDIA, é bastante para demonstrar o quanto é ella interessante e jocoza, e a empreza abstem-se de dar ao Publico a mais leve idéia della, para lhe não roubar o prazer da surpresa.

Terminará o expectaculo com a bem conhecida comedia em 1 acto – O INGLEZ MAQUINISTA.

Os bilhetes achão-se a venda como é costume.

Começará ás 7 horas e meia.

Maria de Lourdes Rabetti (2007) ao analisar a presença da música italiana na formação do teatro brasileiro, diz que foi grande a influência exercida pela música de cunho operístico vinda da Itália. O Imperador e sua esposa foram os principais incentivadores da ópera italiana e, por isso a “elite oficial, monárquica e burguesa,

com seus projetos e realizações espetaculares, por meio de mecenato direto e favorecimentos, na Itália e no Brasil, garantiu a vinda de importantes companhias líricas e de prosa italianas [...], com passagem obrigatória pela Corte do Rio de Janeiro” (RABETTI, 2007, p.71).

O Maranhão, leia-se São Luís, também seguia essa tendência nacional de amor pela ópera italiana. Assim, as companhias líricas italianas também apresentavam suas óperas no São Luís, como dá notícia o Diário do Maranhão, em 6 de novembro de 1857, de espetáculo dado pela Empresa Ramonda, no sábado dia 7 de novembro:

Representação extraordinária em benefício da 1ª bailarina absoluta  
VIRGINIA ROMAGNOLI.

Logo que principiar a tocar a orquestra aparecerá um novo pano de boca, pintado pelos insignes cenógrafos Venere e Monticelli, em obsequio particularmente à beneficiada, representando uma bela vista desta cidade.

ÓPERA TROVADOR.

Finalizando com célebre dueto do 3º Ato.

No fim do 1º Ato terá lugar um novo passo a dois, a caráter, composto pela beneficiada.

LES DEBERDEURS

No fim do 2º Ato a beneficiada dançará o passo a caráter

A INGLESA

Em seguida a Sra.Maffei em obsequio a mesma cantará a cavatina da ópera

TRAVIATA

Música célebre do M. Verdi.

No fim do 3º Ato a beneficiada dançará o passo a caráter

GITANA

Com uma nova vista pintada pelo bem conhecido cenógrafo o Sr. Venere, em obsequio à mesma.

A beneficiada, penhorada extremosamente pelas tantas provas de benignidade e simpatia que o publico maranhense lhe tem compartilhado, espera neste dia ver coroado seus esforços, de que desde já ficará sumamente agradecida.

Principiará às 8 horas.

Quando se pensa em espetáculos teatrais, sejam eles de cunho operístico ou de cunho meramente musical, elege-se um repertório específico, como uma sinfonia, por exemplo, no caso de concerto sinfônico, ou uma ópera, se o espetáculo for lírico-dramático. No entanto, nos anúncios encontrados nos jornais oitocentistas de São Luís isso só ocorre em eventos particulares, nos quais um cantor, em benefício próprio, apresenta, por exemplo, peças de um determinado compositor. Geralmente, os espetáculos que eram oferecidos ao público maranhense eram bastante diversificados, como verificamos através dos anúncios citados anteriormente. Sobre essas programações ecléticas, escreve Jansen (1974, p. 53):

[...] Apresentava-se em uma só noite: o drama, a comédia séria ou brejeira, acompanhadas ou não de música e números de variedades; [...] A música, no caso, era um elemento suavizante e portanto, de certo modo, explicava a predileção pelos vários gêneros, conjuntamente.

As pessoas iam ao teatro para divertirem-se, por isso, não era interessante sair taciturno do espetáculo; alegria era o que os empresários das companhias líricas queriam ver nos semblantes dos espectadores na saída do teatro, pois isso lhes garantiria mais lucros, através do retorno desses homens e mulheres para divertirem-se e tecerem suas sociabilidades nas próximas récitas. Isto pode ser verificado pela nota que publicou o Jornal para Todos, em 22 de novembro de 1877: “Desde já pedimos ao Vicente que vá sempre adubando os seus espectáculos com algumas comedias chistosas, do seu variado repertório”. Mario Cacciaglia (1986) também fala sobre essa estratégia usada pelos empresários do teatro em apresentar sempre ao final do espetáculo um número cênico mais alegre após o desfecho, às vezes, trágico, do drama apresentado, pois, “Para aliviar o ânimo dos espectadores emocionados e perturbados pelo drama, que era o prato principal da noite, servia-se como sobremesa uma farsa. No Brasil, essas farsas eram quase todas portuguesas e tinham curta duração [...] (CACCIAGLIA, 1986, p. 47).

Tanto o drama quanto a comédia tinham a função de educar os homens e as mulheres que ao teatro compareciam nas noites de espetáculo. O primeiro organiza sua trama a partir de algum fato da realidade social, naquele momento ainda bastante influenciada pelas tendências europeias, já o segundo, procura educar através do castigo do riso (Cf. FLORES:1995) fazendo com que os espectadores visualizassem seus maus hábitos e, assim, pelo constrangimento, procurassem não os cometer novamente.

### 3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ópera foi incontestavelmente, no século XIX, predominante nos programas da grande maioria dos teatros do Brasil Imperial. No entanto devido ao grande desprendimento físico e principalmente intelectual que os cantores, instrumentistas e atores utilizavam nos meses de ensaio preparando o espetáculo e, após os vários dias de récitas, esses artistas precisavam de tempo para descansar e assim começar novamente a rotina de estudo das partituras, dos textos e, finalmente, dos ensaios gerais.

Como disséramos anteriormente, o teatro no século XIX era tido como o lugar onde as elites iam para aprender a se adequarem aos modos burgueses de civilidade e modernidade. Para essas reuniões tidas como extremamente solenes, pois os homens e as mulheres que a elas compareciam se apresentavam com os últimos lançamentos da moda europeia que os comerciantes anunciavam nos jornais de São Luís e, como escreve Maurício Monteiro, o “conceito de gosto não se distanciou dos conceitos de civilidade etiqueta; ao contrário tornou-se um dos fortes tentáculos destas regras de comportamento e de boas maneiras - e tomou o seu significado a partir do goût francês” (MONTEIRO, 2008, p.70).



Todos esses artigos de luxo que os ludovicenses ostentavam através do seu vestuário, somados aos hábitos refinados e elegantes, não eram representativos se as pessoas que os portassem não apresentassem delicadeza nos gestos, elegância, pois o gosto:

[...]é o operador prático da transmutação das coisas em sinais distintos e distintivos, das distribuições contínuas em oposições descontínuas; ele faz com que as diferenças inscritas na ordem física dos corpos tenham acesso à ordem simbólica das distinções significantes. Transforma práticas objetivamente classificadas em que uma condição significa-se a si mesma – por seu intermédio – em práticas classificadoras, ou seja, em expressão simbólica da posição de classe, pelo fato de percebê-las em suas relações mutuas e em função de esquemas sociais de classificação (BOURDIEU, 2008, p.166).

Assim, através das constantes notícias veiculadas pelos jornais que circulavam em São Luís, capital da província do Maranhão, naquele presente, é possível depreender que apesar do repertório dos espetáculos serem variados, os que predominavam eram os de cunho lírico devido ao grande desejo que os ludovicenses tinham de estar no teatro e vivenciar durante os espetáculos os modos de vida europeia. Essa exibição de roupas, jóias e, principalmente, desejos tinham como palco o Teatro São Luís, por ser a única casa de espetáculos de grande porte que a cidade dispunha e por representar para as elites e os demais que se faziam presentes nesses espetáculos, sinal de refinamento para quem fosse visto no mesmo e, também, pelas oportunidades de tecer suas sociabilidades nas noites de récitas.

## REFERÊNCIAS

### Jornais

A FLECHA (1879-1880)

DIÁRIO DO MARANHÃO (1857)

O GLOBO (1852)

O PROGRESSO (1852)

PUBLICADOR MARANHENSE (1850)

JORNAL PARA TODOS (1877)

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. Tradução Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre: Zouk, 2008.

CACCIAGLIA, Mário. **Pequena história do teatro no Brasil** (quatro séculos de teatro no Brasil). Tradução Carla de Queiroz. São Paulo: Edusp, 1986.

DAOU, Ana Maria. **A belle époque amazônica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

FLORES, Moacyr. **O negro na dramaturgia brasileira: 1838 – 1888**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

JANSEN, José. **Teatro no Maranhão**. Rio de Janeiro, [s.e.] 1974.

MONTEIRO, Maurício. **A construção do gosto: música e sociedade na Corte do Rio de Janeiro - 1808 - 1821**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

RABETTI, Maria de Lourdes. Presença musical italiana na formação do teatro brasileiro. In: **ArtCultura: Revista de História, Cultura e Arte**, v. 9, n. 15, 2007. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de História. (p. 61 - 81).

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**Giovanna Adriana Tavares Gomes** - Doutorado em Performances Culturais pela UFG em andamento / 2019 - 2022, Mestrado Acadêmico na área das Ciências Sociais Aplicadas em Turismo e Hotelaria pela UNIVALI - SC (2007-2010) / CONCEITO CAPES 5 – Foco: Planejamento Participativo e desenvolvimento de base local, Especialista em Gestão em Turismo e Hotelaria pela Faculdade Lions - GO (2004-2005), Bacharel em Turismo pela Faculdade Cambury - GO (2003), MBA Executivo em Coaching, (2018) na Faculdade Cândido Mendes. cursando atualmente: Especialização em Administração do Setor Público, Especialização em Administração em Marketing de Serviços e Social e MBA em Gestão de Projetos (previsão de término dezembro 2019 - Faculdade Faveni). Atua na área de Pesquisa aplicada como pesquisadora em diversas áreas do mercado: Turismo, hotelaria, eventos, pesquisa censitária, gestão comercial e de negócios, sendo atualmente Professora Universitária na Faculdade Cambury nos cursos de Eventos e Gestão Comercial e na Coordenação Geral do evento institucional Círculo do Conhecimento desde 2015. Membro da ANPTUR - Associação Nacional de Pesquisa e Pós Graduação em Turismo. É servidora pública do Estado de Goiás na Área Técnica da Agência Estadual de Turismo - GOIÁS TURISMO - Coordenadora do OBSERVATÓRIO DO TURISMO DO ESTADO DE GOIÁS. Presidente da ABBTUR - GO / Associação Brasileira de Turismólogos(as) e Profissionais de Turismo - Seccional Goiás. Atuou como: Professora do MBA em Promoção e Gestão de Eventos na disciplina: Planejamento e Coordenação de Eventos e Orientação de TCC pelo IESB – Instituto de Educação Superior de Brasília, Professora no IF Goiano - EAD no curso de Eventos, Professora na Faculdade Lions de (2013 a 2016) nos cursos de Turismo, Hotelaria e Administração; Faculdade de Tecnologia SENAC – Goiás (De 2007 a 2014) na Elaboração de projetos, coordenação e docência na Pós Graduação em Gestão de Empreendimentos Turísticos e Eventos e no Curso superior de Gestão de Turismo (ênfase em eventos) e somente como docente nos cursos de: Gestão Comercial, Gestão Ambiental, Gestão da Tecnologia da Informação e Produção Multimídia. Possui vasta experiência em disciplinas nas áreas de gestão (Planejamento Estratégico e Empreendedorismo), eventos, turismo, hotelaria, pesquisa, metodologia e atividades de campo/visitas técnicas. Consultora da ONG Araucária - Organização Pró-Desenvolvimento Integrado Sustentável desde 2010, cuja atuação é na área de planejamento e desenvolvimento em turismo, com experiência em elaboração e execução de projetos para MTur, Governo do Estado de Santa Catarina, Prefeituras Municipais e setor privado. Consultora da PDCA desde 2013 - Assessoria e Treinamento: Turismo, Hospitalidade e Eventos.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Ansiedade 178, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 187, 188, 189, 263, 264  
Aritmetização em teoria musical 135  
Arte brasileira 128  
Arte contemporânea 76, 77, 80, 81, 118, 121, 124, 215, 216  
Ator 16, 28, 31, 55, 56, 97, 105, 111, 112, 116, 124, 263  
Auto de Inês Pereira 6, 10, 11, 12, 13, 16, 17, 19, 20, 22  
Avaliar 86, 111, 113, 129, 141, 142

### B

Banda de música 1, 2, 268

### C

Cena 20, 23, 27, 29, 30, 31, 50, 55, 57, 61, 66, 67, 68, 69, 72, 73, 75, 100, 103, 104, 106, 107, 109, 115, 116, 118, 200, 249, 250  
Cênico 24, 25, 31, 67, 69, 70, 71, 72, 74, 75, 196  
Clarineta 1, 2, 3, 4, 8, 9, 28, 188  
Coral 28, 30, 31, 32, 37, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 75, 277  
Coreografia social 45  
Corpomídia 45, 46, 49, 51, 52  
Cultura escolar 33, 34, 44

### D

Dança 23, 24, 41, 43, 50, 99, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 179, 212, 244, 245, 246, 249, 250, 254  
Diários 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93  
Dramaturgia 10, 23, 24, 31, 56, 57, 73, 198

### E

Elo entre as artes 147  
Empreendimento turístico 165, 166, 172  
Ensino de música 33, 39, 69, 163

### F

Formação de professores 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 42, 75

### G

Gestualidade 55, 220  
Gil Vicente 6, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 19, 20, 21  
Goandira do couto 165, 168  
Grotesco 55, 56, 58, 59, 60, 61, 65, 66

## H

Henry Klosé 1, 2

Histeria 55, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 65

História 8, 13, 21, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 40, 50, 51, 52, 54, 56, 58, 62, 63, 65, 80, 83, 85, 86, 88, 92, 93, 97, 98, 105, 106, 107, 108, 124, 125, 135, 136, 144, 145, 154, 155, 163, 166, 167, 175, 176, 190, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 207, 211, 212, 214, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 254, 265, 266, 277

## I

Identidade 52, 53, 83, 84, 86, 88, 92, 160, 202

Imagem 10, 11, 12, 13, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 26, 45, 46, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 80, 88, 112, 117, 118, 119, 124, 125, 126, 127, 128, 149, 151, 168, 205, 209, 226, 238, 245

Improvisação 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 110, 111, 112, 113, 114

## J

Joaquim Naegele 1, 2, 3, 7

Jogo teatral 94, 112

## L

Literatura portuguesa 10

## M

Machismo 45, 46, 49, 51

Metalinguagem 147, 203

Metodologias 78, 80, 153, 156, 159, 162, 184

Método para clarineta 1

Mitologia 23, 25

Motivação 110, 129, 130, 131, 133, 183, 188

Mudanças conceituais 135, 162

Museu 44, 80, 165, 166, 167, 171, 172, 175, 176, 177, 215

Música 1, 2, 3, 8, 9, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 67, 68, 69, 73, 75, 99, 103, 116, 129, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 153, 154, 155, 156, 157, 161, 162, 163, 179, 180, 181, 183, 184, 187, 188, 189, 190, 194, 195, 198, 199, 200, 201, 202, 204, 206, 207, 208, 209, 211, 212, 223, 229, 234, 256, 257, 258, 259, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 272, 273, 275, 276, 277, 278

Música na história 135

## N

Número em música teórica 135, 137, 138, 139

## P

Palco e seus problemas 178

Pânico na performance musical 178

Patriarcalismo 45, 46, 49  
Poesia moçambicana 147  
Preconceito de gênero 45  
Preparação de uma obra musical 178, 185  
Processo criativo 94, 96, 97, 113, 114, 121, 122

## **R**

Relação matemática 135

## **S**

Shoá 83, 84, 85, 89, 91, 92

## **T**

Teatro 10, 16, 21, 23, 32, 41, 43, 45, 51, 55, 56, 58, 61, 65, 66, 67, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 101, 102, 105, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 179, 190, 192, 193, 194, 196, 197, 198, 254, 272

Teorias de razão 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 143

Turismo 165, 166, 167, 168, 172, 173, 176, 177, 279

## **U**

Universidade 1, 10, 21, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 44, 45, 52, 53, 54, 55, 67, 69, 75, 76, 79, 81, 94, 101, 111, 134, 135, 163, 164, 165, 168, 188, 190, 198, 199, 212, 214, 222, 234, 235, 236, 267, 269, 275, 277

## **V**

Violência contra a mulher 45, 48, 52, 54

Virgílio de Lemos 147

## **X**

Xilogravura 10, 12, 13, 14, 18, 19, 21, 22

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-753-6



9 788572 477536